

TEMATIZANDO O SKATE NO ENSINO MÉDIO EM CONTEXTO PANDÊMICO E AS POTENCIALIDADES DO CURRÍCULO CULTURAL

MS. ANDRÉ MARCHESI BERSELLI

Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professor da Rede Municipal de Educação de Campinas – SME

DR. MÁRIO LUIZ FERRARI NUNES

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – USP
Professor da Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo | Relato de prática de uma tematização de skate em aulas de Educação Física de seis turmas do 2º ano do Ensino Médio de uma escola particular presente em um município do estado de São Paulo. Esse texto descreve o acontecimento das aulas, ancoradas pelo Currículo Cultural, focalizando os processos que se estabeleceram como problematização, transgressão e ampliação dos discursos de uma determinada representação da prática corporal. As aulas ocorreram no primeiro semestre de 2021, período pandêmico. Percebe-se que as aulas colaboraram para a desconstrução de discursos sobre representações de skate e skatista e a reconstrução de outros; também se notou uma possível transgressão dos limites da disciplina de Educação Física; constatou-se a relevância de vozes externas à escola em atividades de ampliação.

Palavras-chave | Educação Física; Currículo Cultural; Ensino Médio.

FRAMING SKATEBOARDING IN HIGH SCHOOL IN A PANDEMIC CONTEXT AND THE POTENTIALITIES OF THE CULTURAL CURRICULUM

Abstract | Practice report of a skateboarding thematic in Physical Education classes of six 2nd year high school classrooms of a private school present in a city in the state of São Paulo. Anchored by the Cultural Curriculum, it communicates its occurrence, focusing on the processes established as problematization, transgression, and expansion of the discourses of a particular representation of corporal practice. The classes occurred in the first semester of 2021, the pandemic period. It is noticed that the

classes collaborated to deconstruct discourses about representations of skateboarding and skateboarders and the reconstruction of others; it was also noticed a possible transgression of the limits of the discipline of Physical Education; in addition, it was possible to verify the relevance of voices from outside the school in amplification activities.

Keywords | Physical Education; Cultural Curriculum; High School.

LA TEMATIZACIÓN DEL SKATEBOARDING EN LA ESCUELA SECUNDARIA EN UN CONTEXTO PANDÉMICO Y LAS POTENCIALIDADES DEL CURRÍCULO CULTURAL

Resumen | Relato de la práctica de un tema de skateboarding em seis clases de Educación Física del 2º año de Escuela Secundaria en una escuela privada presente en un municipio del estado de São Paulo. Anclada en el Currículo Cultural, comunica su acontecimiento, centrándose en los procesos que se establecieron como problematización, transgresión y ampliación de los discursos de una determinada representación de la práctica corporal. Las clases se llevaron a cabo en el primer semestre de 2021, período de pandemia. Se advierte que las clases colaboraron para la deconstrucción de discursos sobre las representaciones del skateboarding y skater y la reconstrucción de otras; también se apuntó una posible transgresión de los límites de la Educación Física; se constató la relevancia de las voces ajenas a la escuela en las actividades de expansión.

Palabras clave | Educación Física; Currículo Cultural; Escuela secundaria.

INTRODUÇÃO

O trabalho ocorreu em uma unidade escolar de uma rede de ensino particular presente em todo o estado de São Paulo, situada em um dos principais municípios do estado, local de laboração de um dos autores do relato, que lá atua desde o ano de 2018. Muitos alunos ingressantes, passam a ser incentivados a cursar o ensino técnico concomitantemente ao ensino regular, pois esse sistema está vinculado às indústrias.

Em 2013, essa rede de escolas lançou uma proposta curricular baseada no Currículo Cultural (CC) de Educação Física (EF). O CC de EF, está pautado na centralidade da cultura e se ancora em teorização pós-crítica da Educação. Este currículo está em constante transformação,

mas apresenta uma lógica na sua organização didática, princípios ético-políticos e compreende o gesto como expressão da linguagem própria das práticas da cultura corporal; oferecendo espaços às diferentes culturas e discursos presentes nas turmas escolares (NEIRA; NUNES, 2006; 2009). O professor e pesquisadores desse relato são agenciados por este currículo e, portanto, orientados por ele.

Neste relato, que é fruto de uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, abordamos a experiência com as seis turmas do 2º ano, nas aulas que foram parte do primeiro semestre letivo do ano de 2021, ano marcado pela continuidade da pandemia de Covid-19.

Durante a tematização aqui relatada, destacamos que além da docência na escola, o professor também atua como pesquisador. Este relato e seus potenciais resultados foram acompanhados pelo grupo de pesquisa Transgressão (GT) da Faculdade de EF da Unicamp. O coordenador do GT propôs ao final de 2020 que a prática docente fosse exposta e debatida pelos demais membros do grupo em encontros quinzenais. As discussões serviram para a construção coletiva e influenciaram as tomadas de decisão para o planejamento das atividades didáticas.

Em meio a esse contexto, com um planejamento e formato de aulas muito diferente, o primeiro contato com os alunos no início de 2021, foi de forma online, pela plataforma da Microsoft – Teams. Termos como “aulas síncronas”, “assíncronas”, “híbridas”, passaram a fazer parte da rotina docente. A primeira semana de aulas com esses alunos foi em formato online. O formato híbrido se iniciaria somente na segunda semana de aulas, e voltariam para escola, presencialmente, somente os alunos que, com consentimento de seus pais, optaram por essa “modalidade”.

Desde que esse formato de aula se iniciou no ano de 2020, a instituição criou uma outra plataforma, um site chamado Conexão Digital (CD), no qual os professores tiveram que passar a realizar postagem semanais do conteúdo.

PRIMEIRAS REMADAS

Iniciando o ano, planejamos começar as aulas com as turmas de forma a conhecê-los minimamente. As aulas eram duplas, dois tempos de 50 minutos, em sequência, por semana. No primeiro dia, o professor compartilhou suas experiências e buscou, mediante algumas questões, identificar alguns aspectos dos alunos, como seus gostos, expectativas com a disciplina e temas já abordados em suas aulas de EF de outros anos. Somente um aluno das seis turmas abriu sua câmera. Além desse momento, atendemos algo solicitado pela coordenação escolar, a “Avaliação Diagnóstica”. Buscando aproximações com o CC, utilizamos essa avaliação também como forma de mapeamento¹.

A fim de ampliar e ressignificar os discursos dos alunos sobre EF, buscamos no repertório de práticas corporais algum representante das culturas dos alunos, alguma prática que escapasse dos esportes coletivos, que tanto corroboram com a hegemonia da EF esportivizada. O skate nos chamou a atenção, por ser citado em diferentes turmas e por ser algo que eles gostariam de aprender. Ao questionarmos os alunos sobre o que eles pensavam sobre a possibilidade do estudo do skate em nossas aulas, houve certa surpresa, apesar do prévio reconhecimento como prática comum entre alguns. Somente uma aluna citou que um professor de sua antiga escola andava de skate e levou essa prática para sua escola. Em que pese a ausência do skate na EF desta escola, no livro de orientações didáticas, o skate é citado de forma superficial em uma página do sexto capítulo, denominado Práticas de Aventura Urbana.

Foram essas linhas que nos incitaram a decidir pela tematização do skate com as turmas do 2º ano do EM.

1. Neira e Nunes (2022), definem o mapeamento como a ação contínua de cartografar o território aula e seus acontecimentos, cujas linhas traçadas, inicialmente, são compostas por experiências e saberes que os alunos disponibilizam acerca da cultura corporal para no transcorrer do percurso serem traçadas e retraçadas com as novas experiências vividas e saberes acessados e produzidos pelos sujeitos (docentes e discentes).

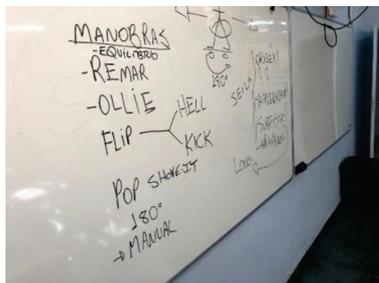
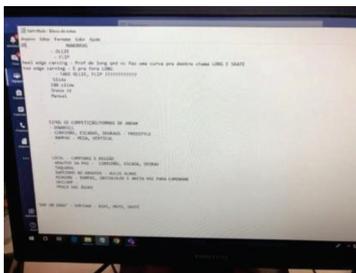
Neste momento, as aulas passaram a ocorrer no formato híbrido. Visando identificar o modo como os alunos operam a leitura dos códigos² de comunicação (NUNES, 2016) do skate, propusemos atividades em que eles pudessem discursar sobre o tema. Com isso, perguntamos a eles em aula o que eles sabiam sobre o skate, o que eles pensavam sobre skatistas, no que se interessavam sobre a prática e, também, ampliamos as possibilidades de atividades que propiciam a leitura por meio de vídeos com diferentes praticantes, a prática em diferentes situações e uma reportagem sobre o aumento da venda de skates.

Perguntamos a eles o que chamou mais atenção e o que acharam de mais interessante entre todos os vídeos. Das conversas e diálogos desta primeira aula, elencamos os diferentes conteúdos possíveis de serem abordados. Com muitas possibilidades de problematizações, iniciamos as vivências de andar de skate, observando e registrando a leitura dos códigos de comunicação dessa prática dos alunos.

Naquela ocasião, pedimos aos alunos da modalidade presencial que levassem seus skates para as aulas. Em uma das salas, dentre os alunos que levariam seus skates, uma se propôs a levar um skate de outro tipo, chamado *waveboard*; outro disse que levaria um *longboard*; uma aluna perguntou se poderia levar os patins; em outra sala, um dos alunos reagiu com espanto: “Pera, a gente vai andar mesmo de skate na escola?!” e disse que suas aulas foram em sua maioria composta por esportes e achava estranho deixarem andar de skate na escola. Mesmo com metade dos alunos presentes nas aulas, além de dois skates da escola, outros cinco foram trazidos.

2. Compreendemos aqui a questão dos códigos de comunicação presente na linguagem a partir do modelo de representação semiótica de Ferdinand Saussure. Stuart Hall (2016) explica que o modelo de Saussure demonstra que a produção do sentido dependerá da linguagem. Nesse modelo, o código funciona como um signo, que é composto por significante, que seria por exemplo uma palavra ou imagem; e o significado, que seria o conceito de algo, que são necessários na produção do sentido que sustentam a representação. Significados são atribuídos quando diferentes pessoas possuem o mesmo código de interpretação.

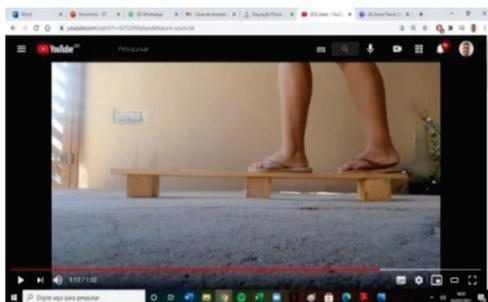
Diante das falas, propusemos uma pesquisa sobre vídeos e imagens das manobras citadas e de outras, além de pesquisarem mais a fundo sobre locais onde pessoas andam de skate. A fim de facilitar a participação daqueles que estavam em suas casas, usamos o recurso de Bloco de Notas e compartilhamos a página na tela projetada na lousa para os alunos do presencial e no aplicativo de chamada de vídeo para os alunos de casa. Como mostra as imagens a seguir:



Perguntamos para os alunos de casa se era possível praticar o skate em casa e suas respostas foram sobre: Tentar se equilibrar em algo; usar uma tábua com garrafa de água embaixo igual a um cara da internet; descer um morro com papelão e jogar algum jogo de skate. Colocamos o vídeo de um rapaz do YouTube³, citado por um aluno skatista, que mostra como usar uma garrafa de água e shape⁴. Anotamos as respostas e pedimos para que aqueles que pudessem e quisessem tentar, enviassem registros de suas experiências. Muitos enviaram relatos escritos e uma aluna enviou um vídeo pelo Youtube, tentando se equilibrar em cima de uma tábua de um palete que tinha em casa:

3. Disponível em <https://youtu.be/ucfb4013VIU>, acesso em: 02/08/2023

4. É conhecido como shape, a parte superior do skate, geralmente feita de madeira, onde se encaixam os eixos, se cola a lixa e skatistas apoiam o corpo.



Com a parte da turma presencial, combinamos que podiam usar os diferentes espaços do ginásio e quadra. Seguindo os protocolos sanitários, devido à pandemia, combinamos sobre o uso de álcool em gel no começo e final das aulas e que os materiais não poderiam ser tocados por outros antes de serem limpos. Eles começaram então a explorar, andar, subir no skate de diferentes formas e a usar auxílios em duplas para equilibrarem-se. Em certos grupos, todos tentavam essas formas de exploração, em outros, alguns se negavam a subir ou preferiam observar em um primeiro momento, por medo ou experiências prévias negativas, e depois tentavam ao menos subir no skate e se, acaso quisessem, auxiliavam os outros ou registravam o momento com fotos, conforme pedido do professor.



Tivemos na aula seguinte um momento de diálogo sobre as experiências iniciais de prática, melhor forma de andar para si, outros nomes de manobras e tipos de práticas que eles encontraram em suas pesquisas.

AFINAL, QUEM É SKATISTA?

Nas falas, se encontravam discursos sobre a representação “skatista”. Começamos a organizar uma atividade para problematizar esse conteúdo,

visando colocar os regimes de verdade sobre ser skatista sob suspeita e ampliar os discursos dos alunos a respeito.

Questionamos os alunos com a seguinte pergunta: “Quando falamos a palavra “skatista”, nos digam, o que vem na cabeça de vocês?” A partir desse momento os alunos começaram a trazer características, como: “Estilo street wear; roupa larga e escura; usa All Star, Vans; magrelo; cabelo grande; radicais; estilo Indie; ouve Charlie Brown, raps e traps; estilo grunge; parece que não dorme há 3 dias; fuma uma.”

Após essa conversa inicial, passamos algumas fotos, vídeos e notícias veiculadas na internet que trouxessem skatistas diferentes daqueles discursados inicialmente pelos alunos: meninas, bebês, velhos, pessoas com obesidade, deficiências físicas e visual. Mostramos todos esses arquivos enquanto comentávamos sobre os materiais, solicitando aos alunos atenção aos detalhes, corpos, sons, roupas. Lançamos, então, as seguintes questões: “O que chamou sua atenção nas imagens e vídeos da aula? As imagens e vídeos mostram coisas diferentes daquelas que vocês pensavam ou imaginavam sobre skatista? Por quê? Após alguns comentários, questionamos: Por que limitamos o ser skatista àquelas definições?”

Conversamos e discutimos em aula híbrida sobre esses pontos, registramos suas conversas e pedimos ao final que registrassem suas respostas no CD. Segue um dos registros: “A diversidade foi o que mais me chamou atenção, porque ao falar em skatistas o que vinha na minha cabeça de fato era aquele típico estereótipo[...], mas com os vídeos e a discussão eu pude perceber que de fato não é nem perto disso[...].”

Nesse mesmo dia, voltando com as práticas, propusemos para aqueles que já andavam que tentassem algumas manobras daquelas citadas em sala. Inclusive, um aluno se predispôs a ensinar, como sabia, o *ollie*. Perguntamos como faríamos pra ajudar os colegas com dificuldades sem nos tocar, devido ao protocolo de segurança contra Covid-19. Um aluno comentou sobre apoiar em alguma parede, dando início a tentativas desse modo. O professor deu a ideia para eles que poderiam utilizar alguns tacos de bets e pequenos dardos de borracha do atletismo, que tínhamos na escola para ajudar. Com isso, eles formaram duplas, enquanto um fi-

cava fora do skate o outro subia e se equilibrava. Outros tentaram andar sentados e ao fazer isso, decidiram apostar corridas sentados. Um deles, que já andava a mais tempo, colocou um skate sobre o outro, andando sobre os dois. Além disso, pegaram um banco sueco e se equilibraram em cima. Um dos espaços do ginásio, possui uma pequena rampa de madeira que foi colocada para facilitar a mobilidade das pessoas. Um dos alunos perguntou se poderia tentar descer como se fosse uma rampa para skate, proposta que foi por nós apoiada. Depois dele, outros também tentaram. Aqueles objetos, tanto o banco sueco, quanto a rampa de acesso, serviram para outro fim que não aquele ao qual foram destinados a princípio, mas os alunos o representaram como uma rampa de skate.



Aquela aluna que havia perguntado se poderia levar seus patins, realmente o levou e pôde andar. Momento em que percebemos que quando se tematiza uma prática corporal, as leituras dos códigos permitem que outros discursos se apresentem, pois as práticas corporais carregam, muitas vezes, elementos similares com outras.

Na semana posterior, a aula voltou a ser somente online, devido a uma “segunda onda” de casos de Covid-19. Buscamos dar sequência com as aulas. Por serem temas relevantes, abordamos outra questão, pedimos a eles que refletissemos sobre o porquê criamos alguns estereótipos, de onde vinham essas ideias sobre skatistas e sobre a importância de buscarmos sempre mais informações e diálogos com pessoas de outros ciclos, problematizando e propiciando a discussão sobre o sentido de ser skatista estar colocado dentro de discursos estabelecidos em meio a relações de poder. Durante essas reflexões que tivemos, comentamos com os alunos que em alguns momentos, características sobre uma prática e seus praticantes foram se naturalizando, e que isso teria relação com

os momentos históricos e com os locais que esses praticantes estavam. Perguntamos: De onde se originam essas representações que formamos sobre skate e skatista? Para que eles participassem dessa investigação, propusemos uma pesquisa sobre as histórias do skate na aula online e colocamos como tarefa na plataforma do CD, para que eles criassem um “mapa” com as informações pesquisadas.

Segue alguns dos mapas criados:



Esse trabalho nos direcionou para aprofundarmos nosso entendimento sobre os primeiros skatistas no Brasil. Assistimos um documentário, indicado por uma aluna, “Dirty Money”.

Nesta semana de aula, com o agravamento da “segunda onda” de Covid-19, muitos ficaram emocionalmente abalados. Em meio a todas essas incertezas, as aulas pararam por 15 dias e voltamos em abril ainda em modo totalmente online.

Devido a essa pausa, no retorno fizemos duas perguntas para os alunos. A primeira sobre os conteúdos que eles lembravam que havíamos estudado e a segunda sobre o que ainda gostariam de estudar sobre o tema. As respostas dos alunos, na segunda pergunta, destacando mais de uma vez, que gostariam de entender sobre a inserção do skate nas Olimpíadas de Tóquio e a proximidade desse evento, nos levaram a problematizar a presença do skate nas olimpíadas. Os conteúdos em aula potencializaram compreensões de que existem diferentes argumentos sobre o skate e as olimpíadas, pois não há somente um discurso sobre essa representação.

Em seguida a esse período de discussão, perguntamos aos alunos sobre a possibilidade de entrevistarmos e de termos a participação de alguém externo que andasse de skate e levasse para a aula suas experiências e pensamentos sobre as diferentes questões tratadas. Agenciados pelo CC,

propusemos essa participação ponderando que seria uma atividade de ampliação⁵ dos discursos discentes. Neste tempo, uma das participantes do GT destacou que andava de *longboard* há muitos anos. A convidamos para participar e ela, de imediato, aceitou. Em aula, planejamos com os alunos que faríamos uma entrevista gravada com essa professora e skatista. Os alunos enviaram muitas perguntas que foram enviadas para a entrevistada. Destacamos aqui, que um aluno que gosta de andar de *long* escreveu “nossa, que raro” no *chat*, quando dissemos que seria uma mulher, e ele disse que achava difícil encontrar uma mulher que anda de *longboard*.

Após o professor realizar a entrevista e mostrar o vídeo para as turmas, tivemos um momento de conversa e pedimos um relatório, a fim de que destacassem os pontos que mais chamaram a atenção deles. O engajamento foi grande e trazemos aqui somente uma das muitas respostas dos relatórios:

Eu gostei muito da entrevista, acho que nos permitiu entender um pouco mais, principalmente de como é ser uma mulher no mundo do skate, mas o ponto que mais me chamou atenção é o fato de que quando ela era criança ela fazia balé, porque era algo que agradava seus pais e ela seguiu bastante tempo nisso, mas achei uma mudança bem radical porque ela disse se não me engano que entre os 15 e 16 anos, ela começou a se identificar com o skate que se pararmos para analisar é totalmente o oposto de tudo que o balé proporciona.

Houve maior grau de envolvimento dos alunos nesta aula com a entrevista, e passamos a refletir sobre as justificativas desta relevância. Foi notável como a entrevista provocou distanciamentos com discursos sobre representações antes “naturalizadas”, como o da entrevistada ser mulher; ou de relacionar o skate com a dança, especificamente o ballet, uma prática corporal geralmente discursada de forma distante ao skate, por transmitir leveza e suavidade nos movimentos; percebemos que a

5. A *ampliação*, sendo um conceito que faz parte dos encaminhamentos didático-metodológicos do CC visa recorrer a outros discursos sobre a prática tematizada, instigando os alunos a constatarem as relações de força que a envolvem e que fixam identidades na representação (NEIRA; NUNES, 2006; 2009; NEIRA, 2018).

entrevistada se conectava com outros assuntos já abordados; a dinâmica de uma outra pessoa estar envolvida nas aulas e os tópicos tratados serem respostas às perguntas dos alunos.

A pesquisa, nas aulas, sobre os pontos de problematização possíveis gerou muitas questões, mas frisamos sobre a participação feminina no skate, pois muitas meninas desconheciam as possibilidades da prática para elas. Reconhecemos que este fator limita e afasta a participação de muitas mulheres, não somente nessa prática corporal, mas em tantas outras que às excluíram historicamente, por serem feitas e oportunizadas somente para homens.

Após isso, ainda propusemos uma atividade em grupo. Os grupos escolheriam um tema de interesse relacionado ao skate e produziram um material no formato escolhido por eles, para compartilhar. Os alunos escolheram os temas: participação e empoderamento feminino; manobras, modalidades e tipos de skate; skatistas famosos; preconceitos relacionados à prática; estilos de música e cantores que compõem a cultura do skate/skatista; equipamentos de proteção; dicas para começar a andar; customização do skate; relação do skate com o surf; estilos de se vestir em diferentes décadas. Exemplificamos aqui um dos trabalhos produzidos em forma de vídeo e postado no YouTube: <https://youtu.be/nrfHFJwlKyE>.

Essa atividade permitiu que as vozes dos estudantes fossem enunciadas como legítimas; em alguns dos trabalhos identificamos a desestabilização dos significados antes discursados sobre os skatistas, potencializando a compreensão de que os significados sobre algo são contingentes e adiáveis; permitiu a abertura para novas tematizações, devido as relações estabelecidas do skate com a música e dança.

BUSCANDO OUTROS PERCURSOS E TRANSGREDINDO LIMITES

Posteriormente às apresentações dos trabalhos, ponderamos sobre a continuidade da tematização de skate. Resolvemos ter um momento de reflexão escrita com os alunos, na qual pedimos para eles escreverem um resumo, analisando como tinha sido a primeira etapa para eles até aqui. Na

mesma aula, iniciamos um diálogo com os alunos, sobre o que eles conheciam sobre os gêneros musicais de *rap* e *trap*, na expectativa de planejar o que seria uma possível próxima tematização. Esses gêneros musicais foram constantemente citados pelos alunos em diferentes atividades da tematização de skate. Isso se apresentou como uma novidade, inclusive para o CC, pois a tematização de uma prática corporal se aproximou de outros saberes e questionou os limites da EF, visto que o *rap* e o *trap* não são práticas corporais. Analisamos que, em um estudo de uma prática corporal nas aulas de EF baseadas no CC, não é somente a prática em si que é estudada. Esses gêneros musicais não foram descartados no processo, mas reconhecidos como possibilidade de conteúdo, se integrando ao planejamento, já que faziam parte do contexto do acontecimento das aulas e pelo olhar atento do professor às falas discentes. Esta tematização foi para além da disciplina EF, se aproximou por exemplo das Artes e questionou a hegemonia da organização curricular escolar por disciplina.

Trazemos aqui um exemplo de partes de uma reflexão escrita por um aluno ao responder ao questionamento sobre como foram as aulas de EF para ele na primeira etapa em relação ao tema, discussões, vivências, aprendizados, atividades e novos ou diferentes pensamentos que levou sobre o skate. Textos foram colocados para resumir os pontos requeridos e, selecionamos somente um devido à grande quantidade e extensão:

Nós estudamos muito sobre o skate, [...] trabalhamos bastante para chegar a um resultado que inicialmente parecia ser bem simples. “O skate é pra todos?”. No início esta parecia ser uma resposta um tanto quanto simples, “não, apenas para os skatistas”, mas quando começamos a descobrir quem eram os skatistas vimos que não se tem idade, cor, gênero, nacionalidade ou qualquer outra coisa que te impeça de ser skatista, qualquer pessoa pode ser skatista. [...] ela está livre pra seguir o caminho que quiser e aprender a andar. Também vimos como começar a andar de skate e também se essa pratica pode ser aprendida de maneira simples ou demora muito. Vimos também se existe machismo nessa área por ser de grande parte um esporte praticado por homens. Por fim vimos as modalidades que existem dentro desse esporte e vimos se é uma boa ideia introduzir o skate nas olimpíadas, tudo isso pode ser observado nesses últimos meses. Creio que aprendemos muito e talvez alguns alunos mudaram de opinião e queiram introduzir a prática do skate em seu cotidiano. [...] Dessa forma, os relatos vistos em aula quebram todos os estereótipos que tinham na minha cabeça. Ainda que, durante

a entrevista com a skatista entramos em contato com uma professora e bailarina clássica, que andava de skate dentro da faculdade. Ainda convém lembrar sobre os trabalhos em grupos com o objetivo de pesquisar e trazer mais pontos interessante do skate para a aula, no qual foi muito legal poder desenvolver uma apresentação com o conteúdo que escolhemos e mais nos identificamos. Houve também, o mapa mental, que tornou a aula mais dinâmica do que somente o professor explicando sobre a história do skate em uma aula expositiva. Por fim, o documentário “Dirty Money” nos mostrou mais pontos desconhecidos sobre o skate, como a influência do fim da ditadura militar, os primeiros patrocínios e os campeonatos como fonte de renda, e o período de crise econômica brasileira, que diminuiu muito os campeonatos e o skate como trabalho.

Percebe-se nos registros, que regimes de verdade e formas homogêneas do pensar passaram a ser questionados, tais como, a representação sobre o skate enunciada pelos alunos como prática para pessoas específicas; a participação e competições femininas; alguns pensavam que só existia um tipo de skate ou mesmo não consideravam as diferentes competições; entre outras. Foram propostas atividades de problematização, que promoveram encontros com diferentes práticas discursivas e não discursivas acerca do skate e de seus representantes. Investigou-se diferentes idades, gêneros e corpos; vivenciou-se diferentes formas de andar; vimos que skatistas ouvem diferentes tipos de músicas; diferentes discursos que representam o skate foram apreciados. Além disso, destacamos que a tematização do skate ampliou e potencializou o espaço para que outras práticas, não somente corporais, fossem estudadas. Face a esses acontecimentos observamos a assunção de outra posição de sujeito por parte dos alunos acerca do skate e skatistas, que produziram outros regimes discursivos, mais abertos à diferença, pelos quais enunciaram não modos de ser, fazer certo ou errado, mas diferentes representações sobre esta prática e que estas regulam tanto as formas de ser e praticar o skate como os modos que se discursam a seu respeito.

REFERÊNCIAS

- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **O mapeamento no currículo cultural da Educação Física**, 2022.
- NUNES, M. L. F. Educação Física na área de Linguagens e Códigos. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Org.) **Educação Física cultural**: escritas sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016.
- NEIRA, M. G. **Educação física cultural**: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**. São Paulo: PhorteEditora, 2006.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: PhorteEditora, 2009.

Recebido: 31 janeiro 2023
Aprovado: 11 dezembro 2023
Endereço eletrônico:
André Marchesi Berselli
a120750@dac.unicamp.br